

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DAS MULHERES NO MARABAIXO¹

REFLECTIONS ON THE ROLE OF WOMEN IN MARABAIXO

TALITA STEFENE ALVES DANTAS

Mestranda em Estudos de Cultura e Política pela Universidade Federal do Amapá, UNIFAP
talitastefene@gmail.com

CARLA REJANE GOMES BARRETO

Mestranda em Estudos de Cultura e Política pela Universidade Federal do Amapá, UNIFAP
carla.barreto.ap1@gmail.com

DILNÉIA ROCHANA TAVARES DO COUTO

Doutora em Ética e Democracia pela Universitat Jaume I de Castellón, UJC
dilneia.couto@ueap.edu.br

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão acerca da atuação das mulheres no Marabaixo, manifestação cultural afro-amazônica do Estado do Amapá. A presente pesquisa trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual baseia-se em trabalho de campo com coleta de dados primários e revisão bibliográfica. A manifestação cultural afro-amapaense do Marabaixo representa tanto uma forma de expressão artística, cultural, econômica, política e religiosa, quanto um espaço de resistência, identidade e memória coletiva amazônica. O Ciclo do Marabaixo traz consigo um momento de reflexão, ancestralidade, comunicação, envolvimento e troca de saberes multiculturais no contexto socio-reflexivo da manifestação cultural, com os próprios protagonistas da ação de seus saberes tradicionais repassados de geração em geração, mantendo vivas suas memórias. Os resultados da pesquisa indicam que as mulheres ocupam papéis essenciais no Marabaixo, sendo responsáveis por grande parte da estrutura simbólica, religiosa e comunitária da manifestação. A atuação feminina revela-se não apenas como continuidade da tradição, mas também como força ativa de resistência cultural e política frente aos processos históricos de invisibilização e às transformações urbanas que impactam diretamente os territórios negros e periféricos.

Palavras-chave: Cultura afro-amapaense; Marabaixo; Mulheres Resistência cultural; Tradição popular.

ABSTRACT

This article reflects on women's involvement in Marabaixo, an Afro-Amazonian cultural

¹ Recebido em 12/08/2025. Aprovado em 11/10/ 2025.



Este trabalho está licenciado sob CC BY. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

manifestation in the state of Amapá. This qualitative research is based on fieldwork involving primary data collection and a literature review. The Afro- Amapaense cultural manifestation of Marabaixo represents both a form of artistic, cultural, economic, political, and religious expression, as well as a space for resistance, identity, and collective Amazonian memory. The Marabaixo Cycle brings with it a moment of reflection, ancestry, communication, engagement, and the exchange of multicultural knowledge within the socio-reflexive context of the cultural manifestation, with the protagonists themselves carrying out the actions of their traditional knowledge passed down from generation to generation, keeping their memories alive. The research results indicate that women occupy essential roles in Marabaixo, being responsible for much of the symbolic, religious, and community structure of the manifestation. Women's involvement reveals itself not only as a continuation of tradition, but also as an active force of cultural and political resistance in the face of historical processes of invisibility and urban transformations that directly impact Black and peripheral territories.

Keywords: Afro-Amapá culture; Marabaixo; Women's cultural resistance; Popular tradition.

1.INTRODUÇÃO

O Marabaixo, manifestação cultural afro-brasileira tradicional do Estado do Amapá, expressa de maneira singular os laços entre espiritualidade, ancestralidade, identidade e resistência. Praticado principalmente por comunidades negras urbanas e rurais da região, o Marabaixo é composto por ladainhas, danças circulares, caixas de tambores, mastros e rituais de fê ligados ao catolicismo popular e às heranças afrodescendentes. Essa manifestação integra o calendário cultural do Amapá e foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo IPHAN em 2018. No entanto, mais do que um patrimônio festivo ou religioso, o Marabaixo é um espaço vivo de resistência simbólica, social e territorial.

Nas últimas décadas, diversos estudos têm se dedicado a compreender o valor histórico e cultural do Marabaixo. Autoras como Sabrina Natali Silva Bentes (2021), Piedade Videira (2009) e Maria Odila Leite (1984) destacam a centralidade das mulheres na manutenção e transmissão dessa tradição, especialmente por meio da oralidade, das práticas cotidianas e dos rituais comunitários. Ainda assim, grande parte da produção acadêmica sobre o tema concentra-se nos aspectos ritualísticos e históricos da manifestação, muitas vezes desconsiderando de forma mais profunda o papel estruturante das mulheres. Figuras como Tia Zefa, Tia Zezé, Maria Libório e Daniela Ramos emergem em alguns trabalhos como personagens importantes, mas há uma carência de análises que abordem sua atuação com o devido enfoque político, simbólico

e epistemológico.

Nesse contexto, identifica-se uma lacuna na literatura: a necessidade de compreender o protagonismo feminino no Marabaixo não apenas como herança ou continuidade, mas como força ativa de resistência cultural e reinvenção simbólica. A questão central que orienta esta pesquisa é: a atuação das mulheres contribui para a preservação, reinvenção e valorização do Marabaixo como prática cultural afro-amapaense? A hipótese que orienta o estudo é a de que a participação feminina é essencial não apenas para a manutenção da tradição, mas para sua atualização como instrumento de identidade, memória e enfrentamento das heranças coloniais.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar a atuação das mulheres no Marabaixo a partir da revisão bibliográfica e trabalho de campo com coleta de dados primários realizado durante o Ciclo do Marabaixo de 2025, especificamente na Central do Marabaixo que homenageou Tia Biló sob o tema "Centenário de fé, luta e tradição". A pesquisa mobiliza uma revisão bibliográfica com base em autores que discutem cultura, gênero, identidade e decolonialidade, como Rock Larai (2001), Stuart Hall (2006), Gayatri Spivak (2010), Joan Scott (1995), entre outros.

A justificativa para este estudo reside na relevância de valorizar os saberes ancestrais das mulheres afro-amapaenses, reconhecendo suas contribuições para a construção e manutenção de uma memória coletiva que resiste às tentativas de apagamento histórico. Além disso, ao evidenciar a relação entre cultura, religiosidade e gênero, este trabalho contribui para os debates contemporâneos sobre a democratização do patrimônio cultural, a produção de conhecimento a partir de epistemologias negras e o fortalecimento das vozes femininas nos espaços acadêmicos e políticos.

2.METODOLOGIA

Esta pesquisa insere-se no campo das investigações qualitativas, com abordagem descritivo-interpretativa, por compreender que os significados culturais, as experiências sociais e as práticas simbólicas são construídas em contextos históricos e relacionais (Minayo, 2001). O estudo visa analisar o papel das mulheres na preservação e reinvenção do Marabaixo a partir de suas atuações nos espaços rituais, comunitários e simbólicos da manifestação.

O estudo articula revisão bibliográfica e trabalho de campo com coleta de dados

primários como estratégias metodológicas complementares. A revisão da literatura abrange obras acadêmicas, livros, artigos científicos, documentos institucionais (como os dossiês do IPHAN e registros do Ministério da Cultura) e estudos sobre manifestações culturais afro-brasileiras na Amazônia. A seleção do referencial teórico considerou autores que dialogam com os eixos de cultura, identidade, gênero, memória, religiosidade e decolonialidade, como Rock Larai (2001), Joan Scott (1995), Stuart Hall (2006), Gayatri Spivak (2010), Frantz Fanon (2008), entre outros.

A coleta de dados primários foi realizada durante o trabalho de campo no Ciclo do Marabaixo 2025, com foco nas atividades da Central do Marabaixo, que homenageou a marabaixeira centenária Tia Biló sob o tema “Centenário de fé, luta e tradição”. O trabalho de campo foi triangulado com dados secundários obtidos na revisão bibliográfica e em fontes documentais públicas e acadêmicas.

Por não ter havido entrevistas, identificação direta de sujeitos ou coleta de dados sensíveis, a pesquisa não demandou aprovação por Comitê de Ética, estando alinhada às diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Ainda assim, a conduta das pesquisadoras seguiu princípios de respeito à cultura local, e responsabilidade social, valorizando os saberes das comunidades.

3.CICLO DO MARABAIXO E ATUAÇÃO DAS MULHERES

Em 2018, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) oficializou o reconhecimento do Marabaixo, manifestação tradicional do Amapá, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Tal reconhecimento constituiu um marco significativo para a valorização e proteção das expressões culturais afro- amapaenses, reafirmando o papel da memória coletiva e das tradições de origem africana na construção identitária e simbólica da região amazônica.

Figura 1: Apresentações dos grupos Dica Congó, Raimundo Ladislau e Marabaixo da Juventude.



Fonte: Autoras (2025)

O ciclo do Marabaixo, que ocorre anualmente durante as festividades religiosas e culturais do Amapá, tem as mulheres como protagonistas em diversas funções, desde a organização da festa até a condução dos rituais. Liderando o processo de organização dos barracões, a escolha dos "ladrões" (cânticos tradicionais) e a condução das rezas, as mulheres são as responsáveis por grande parte da estrutura simbólica, religiosa e comunitária do Marabaixo. O próprio ciclo de celebrações, marcado por uma fé sincrética, que une elementos do catolicismo e da religiosidade africana, é gerido por mulheres que garantem a continuidade de uma tradição que é transmitida oralmente de geração em geração.

Um exemplo claro desse protagonismo é a figura de Tia Zefa, uma notória líder marabaixeira, que organizava e conduzia as festividades com grande autoridade e respeito dentro da comunidade. Além dela, figuras como Tia Zezé e Maria Libório se destacam por sua liderança no ensino dos saberes marabaixeiros e na preservação das memórias coletivas de suas respectivas comunidades. Tia Biló, cujo centenário foi comemorado no Ciclo do Marabaixo de 2025, é outro

exemplo do impacto profundo que mulheres podem ter na perpetuação e renovação da manifestação cultural.

4.MULHERES COMO GUARDIÃS DA MEMÓRIA E DA TRADIÇÃO

A importância das mulheres no Marabaixo se estende ao campo da memória e da oralidade. As marabaixeiras não apenas preservam os rituais, mas também transmitem saberes que, muitas vezes, escapam das formas de conhecimento acadêmico e oficial. O aprendizado do Marabaixo não ocorre somente em salas de aula ou em registros escritos, mas em espaços informais e simbólicos, onde as mulheres ensinam as jovens e as futuras gerações a vestir-se para a celebração, a cantar as ladainhas, a preparar a gengibirra e, sobretudo, a perpetuar os rituais com respeito e devoção.

Bentes (2021) destaca que, por meio da oralidade, as mulheres marabaixeiras criam um espaço de resistência e de afirmação identitária. Ao narrar suas experiências, elas reconstroem a memória do ciclo, resgatando tanto o sofrimento quanto a força das suas ancestrais. Como afirma Videira (2009), a oralidade no Marabaixo não é apenas uma forma de comunicação, mas um mecanismo de preservação da história afro-brasileira que se mantém vivo no cotidiano das mulheres, garantindo a passagem de conhecimentos, símbolos e significados.

Figura 2: Apresentação do Grupo do Barracão da Dica Congó.



Fonte: Autoras (2025)

A atuação das mulheres no Marabaixo também se configura como um ato de resistência cultural e política, especialmente em um contexto em que as tradições afro-brasileiras enfrentam pressões de modernização e homogeneização cultural. O Marabaixo não se restringe a uma prática religiosa ou festiva, mas é uma forma de afirmação da identidade negra, um espaço de luta contra a invisibilização histórica das culturas afrodescendentes e uma forma de resistência às transformações urbanas que ameaçam a preservação da memória coletiva.

A resistência das mulheres no Marabaixo se manifesta também na luta contra as imposições da sociedade contemporânea, como as políticas de gentrificação que buscam apagar as tradições e transformar os espaços periféricos em áreas de consumo. As mulheres marabaixas, com seu protagonismo nas festividades, garantem que o Marabaixo permaneça não apenas como patrimônio imaterial, mas como um símbolo de luta e resistência das comunidades negras amazônicas.

5. ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA E ENFOQUES TEÓRICOS CONTEMPORÂNEOS

A análise da revisão bibliográfica sobre a atuação das mulheres no Marabaixo evidenciou o protagonismo feminino na revalorização e reconstrução da cultura amapaense. Observou-se que esse protagonismo tem fortalecido a visibilidade da manifestação nos âmbitos cultural, religioso, político e ancestral afro-brasileiro. Diversos estudos abordaram aspectos como história oral, religiosidade, cidadania, protagonismo feminino e comunicação, destacando o papel fundamental das mulheres em diferentes dimensões da manifestação. Pesquisas como as de Sabrina Natali Silva Bentes (2021), Nelson Mateus Machado dos Santos (2021), Marinilson Barbosa da Silva (2018) e Rostan Martins (2016) apresentam abordagens que vão desde a história oral de vida até a análise discursiva e representacional da prática cultural. A presença de referências como Maria Odila Leite, Stuart Hall, Spivak, Fanon, Norman Fairclough e Mircea Eliade indica o alinhamento com perspectivas críticas, decoloniais e interseccionais.

ARTIGOS	AUTORES	REFLEXÕES	ANO	PRINCIPAIS REFERENCIAIS
<p>“CADA SENHORA DEZ DEDOS, CADA DEDO É UMA MEMÓRIA”: Uma narrativa das histórias e memórias de mulheres marabaixas e a cidade de Macapá - AP</p>	<p>Sabrina Natali Silva Bentes</p>	<p>História oral de vida Ciclo do Marabaixo</p>	<p>2021</p>	<p>Maria Odila Leite da Silva Dias, Benedita Celeste de Moraes Pinto, Piedade Lino Videira e Ecléa Bosi Narrativas orais de Tia Zezé e Tia Zefa</p>

<p>Uma abordagem do marabaixo em perspectiva decolonial: religiosidade, cultura e cidadania</p>	<p>Nelson Mateus Machado dos Santos Marcos Vinicius de Freitas Reis David Junior de Souza Silva</p>	<p>Entrevistas Semiestruturada Ciclo do Marabaixo cultural afrorreligiosa</p>	<p>2021</p>	<p>Stuart Hall, Gayatri Spivak, Edward Said, Homi Bhabha e Frantz Fanon, Sheila Aciolly, Sandro Sales, Mônica do Nascimento, Raquel Alvarenga, José Maria Silva, Alisson Antero e Marcos Freita Heraldo Maués, Vanda Pantoja, Eduardo Galvão e Agenor Sarraf, Moisés dos Prazeres, Piedade Videira, Alexsara Maciel, Mariana Gonçalves, Alci Jackson, Verônica Xavier e Sidney Lobato Dossiê de registro feito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) Entrevistas Laura do Marabaixo, que faz parte da Associação Cultural Raimundo Ladislau, Fábio Sacaca São José, Joaquim Ramos do Barracão da Tia Biló, Daniela Ramos, Aluísio Carvalho, deputada estadual Cristina</p>
---	---	---	-------------	--

				Almeida
--	--	--	--	---------

CATOLICISMO NEGRO E PROTAGONISM O FEMININO NO BARRAÇÃO DE TIA GERTRUDES NA AMAZÔNIA AMAPAENS	Marinilson Barbosa da SILVA Aylsson Brado Antero Marineide Felix de Queiroz	Protagonismo feminino em uma das maiores manifestações culturais e religiosas do Estado do Amapá: o Ciclo do Marabaixo Catolicismo Negro História de vida	2018	Marina de Mello Zouza, Mircea Eliade, entre outras, a investigação inferiu que o Ciclo do Marabaixo “Dossiê de Registro do Marabaixo” (BRASIL, 2018) Entrevistas Tia Zezé Laura Silva
O CICLO DO MARABAIXO MACAPAENSE: DISCURSOS, LUTAS E REPRESENTAÇ ÃO SOCIAL	Ednald o Tartagli a	Uma exposição histórico-discurs iva dos atores sociais negros e dos festejos religiosos conhecidos por Ciclo do Marabaixo	2018	<i>Norman Fairclough (2016).</i> Lei Nº 0845/200
Dossiê IPHAN	Ministério da Cultura Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Departament o de Patrimônio Imaterial Coordenação - Geral de Identificação e Registro Coordenação de Registro	descrição dos elementos que compõem o Marabaixo,	2018	Weleda de Fátima Freitas – Consultora PRODOC/UNES CO
Livro aonde tu vai,rapaz por esses caminhos sozinho?	Rostan Martins	Comunicação História Ciclo do Marabaixo	2016	Ramos Martins -Barbeiro Daniela Ramos Laurent Vidal Entrevistas Maria Liborio

				Laura Silva
--	--	--	--	-------------

A revisão bibliográfica demonstra um crescente interesse acadêmico, especialmente a partir de 2018, sobre o papel das mulheres no Marabaixo. Destacam-se a importância da história oral, da abordagem decolonial e da religiosidade como chaves para entender o protagonismo feminino na cultura afro-amapaense. O foco das pesquisas está nas vozes femininas reconhecidas dentro da prática cultural: Tia Zefa, Tia Zezé, Maria Libório, Laura Silva e Daniela Ramos. Esses nomes aparecem como narradoras de saberes, lideranças espirituais e guardiãs da memória coletiva.

A análise dos dados revelou que as mulheres desempenham papel central na preservação e promoção do Marabaixo. Elas são líderes e guardiãs da tradição, assumindo a responsabilidade pela transmissão intergeracional de saberes por meio da história oral. Além disso, a religião surge como elemento essencial da vivência feminina na manifestação. As práticas culturais afro-brasileiras têm sido cada vez mais valorizadas, com foco na ancestralidade e na identidade negra amazônica. Os referenciais teóricos utilizados, como os de Gayatri Spivak, Stuart Hall, Frantz Fanon e Joan Scott, evidenciam que a discussão sobre o papel das mulheres no Marabaixo ultrapassa o contexto local e se insere em um debate global sobre identidade, gênero, cultura e decolonialidade. Estudos regionais também fortalecem a compreensão do Marabaixo como prática de resistência afro-amapaense.

6.DIUSSÃO

Esses achados confirmam a relevância das vozes femininas no Marabaixo e reforçam a importância de pesquisas que explorem suas contribuições socioculturais e religiosas. As mulheres marabaixeiias não apenas preservam a tradição, mas também a reinventam, adaptando-a aos desafios contemporâneos e garantindo sua continuidade para as futuras gerações. Comparando com estudos anteriores, como os de Marinilson Barbosa e Ednaldo Tartaglia, observa-se consonância na ênfase na história oral e na representação das mulheres.

A contribuição teórica do estudo reside na valorização dos saberes femininos como forma legítima de produção de conhecimento. No plano prático, aponta-se a necessidade de maior inserção das epistemologias negras e decoloniais nas políticas

culturais e educacionais. Reconhecer as mulheres como protagonistas das práticas culturais é também uma forma de justiça histórica e de afirmação identitária.

Apesar dos avanços, a concentração das fontes em Macapá representa uma limitação, uma vez que as vozes femininas das zonas rurais ainda são pouco visibilizadas. Além disso, é importante considerar como mudanças socioculturais recentes, como a inserção das novas gerações e a influência da mídia, impactam a atuação das mulheres no Marabaixo. Futuras pesquisas devem ampliar o escopo territorial e aprofundar a história oral de mulheres marabaixas em comunidades tradicionais e zonas periféricas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas, conclui-se que o Marabaixo, mais do que uma celebração cultural, é um espaço de resistência, ancestralidade e identidade para o povo afro-amapaense, sendo imprescindível destacar o papel ativo e fundamental das mulheres em todas as etapas dessa prática: desde a organização das festividades até a manutenção das tradições orais, religiosas e simbólicas.

As mulheres do Marabaixo não apenas participam, elas sustentam, lideram e perpetuam esse saber ancestral. Suas vozes, cantos, passos e ensinamentos atravessam gerações, fazendo do feminino uma força estruturante no campo cultural, espiritual e comunitário da manifestação. Portanto, compreender o Marabaixo em sua totalidade exige reconhecer e valorizar o protagonismo feminino como parte essencial da construção da identidade afro-amapaense.

Dessa forma, este artigo reforça a necessidade de tornar visível o papel histórico, social e político das mulheres no Marabaixo, superando silenciamentos e garantindo que suas experiências sejam reconhecidas, respeitadas e incorporadas às produções acadêmicas e aos registros culturais. Valorizar a atuação feminina é não apenas um ato de justiça histórica, mas um passo indispensável para garantir a continuidade, a equidade e a autenticidade dessa tradição nas gerações futuras.

REFERÊNCIAS

- BENTES, Sabrina Natali Silva. Cada senhora, dez dedos; cada dedo, uma memória: experiências de mulheres no Marabaixo em Macapá-AP. *Kwanissa*, v. 4, n. 8, p. 30–61, 2021.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Dossiê de Registro do Marabaixo. Brasília: IPHAN, 2018.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quase cidadãs: Mulheres e direitos no Brasil, 1830-1930. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LARAIA, Roque. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MAUÉS, Heraldo. Cultura popular e identidade amazônica. Belém: NAEA/UFPA, 2005.
- MARTINS, Rostan. Aonde tu vai, rapaz, por esses caminhos sozinho? Macapá: s.n., 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SANTOS, Nelson Mateus Machado dos; REIS, Marcos Vinicius de Freitas; SILVA, David Júnior de Souza. Uma abordagem do Marabaixo em perspectiva decolonial: religiosidade, cultura e cidadania. 2021.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1995.
- SILVA, Marínilson Barbosa da; ANTERO, Aylsson Brado; QUEIROZ, Marineide Felix de. Catolicismo negro e protagonismo feminino no barracão de Tia Gertrudes na Amazônia amapaense. 2018.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? In: LANDRY, Donna; MACLEAN, Gerald (orgs.). A crítica pós-colonial: uma antologia. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 302–337.
- TARTAGLIA, Ednaldo. O ciclo do Marabaixo macapaense: discursos, lutas e

representação social. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 2018.

VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo: cultura, resistência e religiosidade. Macapá: Editora da UEAP, 2009.